

**UMA ANÁLISE DA VULNERABILIDADE DOS ANIMAIS NO ROMANCE
FIFTEEN DOGS (2015), DE ANDRÉ ALEXIS**

AN ANALYSIS OF THE VULNERABILITY OF ANIMALS IN THE NOVEL
FIFTEEN DOGS (2015), BY ANDRÉ ALEXIS

Jefferson de Moura Saraiva¹

Universidade Estadual do Paraná

Resumo: O artigo é uma análise crítica das relações entre os animais e os humanos na literatura, especificamente no romance *Fifteen Dogs* (2015), do autor canadense André Alexis (1957-). O nosso objetivo principal é mostrar como os animais ocupam uma posição desvantajosa dentro da sociedade humana e os mecanismos que permitem e mantêm o *status quo*, assim como contemplar as próprias relações entre os animais. Para tais objetivos, faremos uso de teorias que envolvem a vulnerabilidade e de estudos da representação de animais na literatura. Em conclusão, defendemos que a obra é um exemplo notável de como a literatura pode explorar temas e tópicos que envolvem a animalidade.

Palavras-chave: Animalidade; Literatura Canadense; Vulnerabilidade; Zooliteratura.

Abstract: The paper is a critical analysis of the relationship between animals and humans in literature, specifically in the novel *Fifteen Dogs* (2015) by Canadian author André Alexis (1957-). Our main aim is to show how animals occupy a disadvantageous position within human society and the mechanisms that enable and maintain the status quo. As well as looking at the relationships between animals themselves. To this end, we will make use of theories involving vulnerability and studies of the representation of animals in literature. In conclusion, we argue that the work is an outstanding example of how literature can explore themes and topics involving animality.

Keywords: Animality; Canadian Literature; Vulnerability; Zooliterature.

Texto de autor convidado.

O texto literário tem liberdades criativas que não se encontram em outros textos. Assim sendo, a literatura permite que se explore uma grande gama de questões e temas

¹ Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina (2016) e doutor em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina (2022). Contemplado pelo edital PDSE - Edital n.º 41/2018 da CAPES, foi pesquisador visitante na Universidade da Colúmbia Britânica (Canadá), campus de Okanagan (UBCO), sob a orientação do prof. dr. Greg Garrard, de setembro de 2019 a fevereiro de 2020. Membro do Grupo de Estudos Ecocríticos (GEco). Atualmente é professor colaborador na Unespar, campus de Apucarana, Paraná, no curso de Letras. Tem interesse na representação de animais na literatura, nos estudos do fantástico, no ensino de literatura e em tradução (teoria e prática). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9010186801921871>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1603-4064>. E-mail: jeffmsaraiva@gmail.com

sem as amarras que se encontram em outros gêneros textuais. Nos últimos anos, como reflexo óbvio dos tempos em que vivemos, há um interesse maior pela representação da natureza e dos animais na literatura, conforme atestam o crescimento inegável de áreas como a ecocrítica, os estudos críticos animais e os estudos veganos. Esses campos teóricos, quando se voltam para a literatura, implicam, verdadeiramente, novas formas de se ler os textos, desvelando camadas que até então estavam ocultas por análises que tendem a ser centradas no que é próprio do humano. Assim, o presente artigo visa contribuir para esse movimento ao propor uma leitura do romance *Fifteen Dogs* (2015), do escritor André Alexis, tendo em mente a importância da animalidade dos protagonistas, bem como das suas relações com os humanos, entre eles e com o mundo que os cerca.

Inicialmente, apresentaremos a obra em relevo e teceremos considerações a respeito da representação de animais dentro da literatura e dos estudos literários. Em seguida, discutiremos e conectaremos formulações teóricas que destrincham a posição problemática ocupada pelos animais dentro do mundo humano. Por fim, à vista dessas formulações, analisaremos o romance com o objetivo de colocar em evidência como a literatura abre espaço para se pensar o animal de forma inovadora.

Cabe dizer que este artigo retoma alguma das teorias utilizadas na tese de doutoramento do autor, intitulada *De Coelhos, Cães e Cavalos* (2022), e também expande a análise para um romance que não foi contemplado no referido trabalho.

1. Animalidade e Literatura

1.1. *Fifteen Dogs*

O romance que analisaremos no presente artigo é *Fifteen Dogs: An Apologue* (*Quinze Cães*, em tradução livre) (2015), do autor canadense André Alexis (1957-). O subtítulo do romance, *apologue*, ou apólogo em português, anuncia o tipo de narrativa que encontraremos no livro: apólogo é sinônimo de fábula (BALDICK, 2001, p. 16), especialmente um tipo de fábula chamada *beast fable*, ou fábula com bestas, na qual encontramos animais falantes e alguma lição de moral (BALDICK, 2001, p. 26). Ou seja, trata-se de uma narrativa povoada por animais falantes e que, de certa maneira, discute um ponto moral, mas não de maneira tão implícita quanto encontramos nas fábulas tradicionais. Isto posto, do que se trata *Fifteen Dogs*?

O ponto inicial de toda a ação é uma conversa entre os deuses Apolo e Hermes, dentro de um bar em Toronto, Canadá, atualmente. Os dois discutem se os animais seriam mais ou menos felizes que os humanos, caso possuíssem a mesma inteligência destes. Como resultado da incapacidade de concordarem um com o outro, Apolo e Hermes fazem uma aposta: irão dar a inteligência humana a alguns animais, e se algum deles chegar feliz ao fim da vida, Apolo deverá ser um servo de Hermes por um ano; caso contrário, é Hermes que servirá Apolo. Com a aposta decidida, um grupo de quinze cães que estava numa clínica veterinária recebe a inteligência humana. O que se segue durante o romance são os desdobramentos desse repentino ganho cognitivo e suas consequências para os animais e algumas intervenções divinas.

O destino dos cães é variado, mas há uma constante: o sofrimento. Cães como o poderoso mastim napolitano Atticus se recusam a aceitar a nova realidade e forçam, por meio de um regime ditatorial, o retorno à antiga natureza canina. Alguns cães fogem, outros morrem por decisão de Atticus. Um cão fugitivo, Prince, chega até mesmo a desenvolver uma forma de poesia oral.

O criativo romance de Alexis Ihe rendeu três prêmios literários: *Giller Prize*, *the Rogers Writers' Trust Fiction Prize* e *Canada Reads* (PENGUIM RANDOM HOUSE, [200-]). Não há, até o momento presente, fevereiro de 2025, tradução deste romance para o português brasileiro.

Ao longo de todo o texto, são explorados temas como morte, linguagem e felicidade. Isto posto, nossa análise focará o tema da vulnerabilidade, isto é, as maneiras pelas quais os cães são expostos a sofrimentos, geralmente causados pelos humanos. Para estruturar tal leitura, trataremos da relação dos animais na literatura e de uma teoria da vulnerabilidade.

1.2. Estudos Zooliterários

Com frequência, encontramos personagens animais na literatura, sejam os das fábulas tradicionais, como as atribuídas a Esopo e a Jean de La Fontaine, a famosa baleia de Herman Melville ou os das narrativas experimentais, como é o próprio caso de *Fifteen Dogs*. Enquanto os escritores nunca se privaram de colocar animais em seus textos, a teoria literária se mostrou, de forma geral, relutante a lê-los além da noção de simples metáfora para alguma outra coisa. Em outras palavras, um animal num texto literário representaria somente algum aspecto da vida humana. Nas duas últimas décadas, no

entanto, a crítica literária tem feito esforços para produzir análises mais complexas e refrescantes sobre o papel dos animais na literatura.

Tais esforços podem ser reconhecidos coletivamente pela alcunha de zooliteratura. Trata-se de uma forma de produção literária que busca ir além dos limites da fronteira que separa os humanos dos animais, por meio da liberdade criativa proporcionada pelo texto literário. Seus autores visam representar a vida interna dos animais, bem como os sentimentos complexos que permeiam as relações entre humanos e animais não humanos. A professora e poeta Maria Esther Maciel nomeia tais autores como “animalistas” (MACIEL, 2016, p. 22-23). Maciel também é responsável por obras seminais que trouxeram a questão da animalidade aos estudos literários brasileiros, como *Literatura e Animalidade* (2016) e *Animalidades* (2023). Também contribuiu com um artigo e com a organização do volume *Pensar/escrever o animal* (2011).

O estudo crítico da representação dos animais na literatura é um reflexo de uma atenção maior que os animais passaram a receber ainda nos anos 1970, especialmente no que tange a uma ética para as relações entre humanos e animais. Entre as obras seminais desse período, cabe destacar o livro *Libertação Animal* (2010) do filósofo Peter Singer, publicado em 1975, que denuncia as práticas exploratórias da indústria da carne e dos experimentos científicos. A obra também popularizou o termo “especismo”, isto é, o tratamento desfavorável de seres a partir de suas espécies. Desde então, a questão dos animais vem sendo debatida com mais intensidade, encontrando espaço até mesmo dentro dos estudos literários, como demonstrado anteriormente.

Cabe notar também a contribuição do filósofo franco-argelino Jacques Derrida com *O Animal que Logo Sou/A seguir* (2002), em que denuncia a exploração dos animais e a própria limitação da palavra “animal”, termo incapaz de incluir toda a diversidade de espécies e que Derrida chama de “bobagem” (2002, p. 61). É nesse mesmo livro que o autor cria o termo “*animot*”, bastante recorrente dentro da teoria zooliterária. Como explica Maciel (2023, p. 18) sobre o termo: em francês, é possível identificar o som de *mot* (“palavra”), dentro de *animaux* (plural de “animal”), assim em *animot* podemos ouvir *animaux* e *mot*. O neologismo aponta “como a linguagem afeta nosso acesso à complexidade da ordem não humana”, sem perder de vista que “também não passa de um artifício forjado pela razão” (MACIEL, 2023, p. 18).

Atualmente, cabe destacar os *Critical Animal Studies*, ou Estudos Críticos Animais, um campo de estudos de natureza claramente política e interseccional, que objetiva dismantelar a exploração conceitual e a prática dos animais não humanos; e os

Vegan Studies, ou Estudos Veganos, cujo objeto de estudo é o veganismo dentro dos mais diversos campos da cultura, incluindo a literatura.

Nossa análise de *Fifteen Dogs* pretende seguir alguns dos preceitos anteriormente expressos. Ou seja, é nosso anseio ir além de ler os quinze cães como simples metáforas; da mesma forma, analisaremos a relação dos animais com os humanos a partir de uma visão crítica e animalista. A seguir, trataremos tal discussão. Na falta de um termo melhor, nosso estudo pode ser visto como um estudo zooliterário crítico.

2. Vulnerabilidade

2.1. A ética da criatura

Um tema recorrente em obras protagonizadas por animais é a vulnerabilidade destes perante o mundo. Focando especificamente cães como protagonistas, podemos citar os romances *O Chamado Selvagem* (2015), publicado originalmente em 1903, e *Caninos Brancos* (2014), de 1910, do escritor Jack London (1876-1916), nos quais cães-lobos são expostos a todo tipo de provação, física e mental, para se manterem vivos; bem como *The Plague Dogs (Os Cães da Praga, em tradução livre)* (1972) de Richard Adams (1920-2016) que retrata com extrema crueza a vida de dois cães dentro de um laboratório de experimentação e os horrores causados pela indiferença ou maldade daqueles que cruzam o caminho dos dois quando conseguem fugir. Na mesma linha, *Fifteen Dogs* descreve as tribulações experimentadas — exacerbadas pelo ganho de consciência humana — pelos cães.

Partindo do pensamento da filósofa e ativista francesa Simone Weil (1909-1943), a pesquisadora e professora Anat Pick desenvolve uma nova ética. O referido trecho é o seguinte: “A vulnerabilidade das coisas preciosas é bela porque a vulnerabilidade é uma marca da existência”² (WEIL, 1952, s/p *apud* PICK, 2011, p. 3, nossa tradução). Pick (2011, p. 193) expande o pensamento de Weil para incluir os animais, gerando o que ela chama de “ética da criatura”³.

Do que se trata esta ética, então? Pick (2011, p. 3, nossa tradução) explica que a existência, por ser transitória e concreta, é bela, e a partir dessa noção temos uma “espécie de reconhecimento sagrado do valor da vida como material e temporal”⁴. Ou seja, a

² “The vulnerability of precious things is beautiful because vulnerability is a mark of existence”

³ “creaturely ethics”

⁴ “a sort of sacred recognition of life’s value as material and temporal”

vulnerabilidade da existência se mostra pela maneira que toda criatura está exposta ao mundo e aos riscos que nele se encontram, os quais são fontes potenciais de dor, sofrimento e morte; e sendo esta a característica comum a todas as criaturas — incluindo os animais —, surge uma nova ética, vinda da graça da vulnerabilidade. Tal visão é ousada, já que une “dois discursos aparentemente contraditórios: materialismo imperdoável de um lado e, de outro, um vocabulário sagrado”⁵ (PICK, 2011, p. 185, nossa tradução). Isto posto, essa nova ética aponta para uma nova forma de pensar a coexistência de todas as criaturas, tendo como base a beleza sagrada de uma característica comum a todas elas: a vulnerabilidade. No entanto, é importante destacar as consequências desse pensamento em termos práticos. Pick (2011, p. 15, nossa tradução) explicita que os animais “constituem um exemplar ‘estado de exceção’”⁶, pois em relação a eles “o poder opera com pouquíssimos obstáculos”⁷; assim, a ética da criatura nos chama para a atenção que damos aos animais e às formas pelas quais o poder opera sobre eles.

2.2. O vivente

A nova forma de atenção que a ética da criatura demanda de nós implica repensar o próprio jeito que vemos os animais e, conseqüentemente, os tratamos. No estudo da literatura produzida na América Latina, no livro *Formas Comuns* (2016), Gabriel Giorgi recorre à biopolítica foucaultiana para pensar nos animais. Nessa visão, o conceito de biopoder é essencial: trata-se das operações dos “modos de fazer viver e dos modos de matar e ou deixar morrer” (GIORGI, 2016, p. 15), que, por sua vez, se dividem em duas categorias: *bios*, para se referir à “pessoa”, isto é, “a vida qualificada, reconhecível política e socialmente”; e *zoé*, para tratar do que é “meramente biológico” (GIORGI, 2016, p. 19). Os humanos ocupam a primeira categoria, e todos os outros animais, a segunda.

Giorgi, em seu livro, mostra que é na cultura que tal padrão é colocado em xeque. Isto é, nas esferas social e política há uma persistência para sustentar a divisão entre *bios* e *zoé*, das mais diversas formas, como a prática da criação em escala industrial de animais para o abate, processo que os transforma em objetos, bem como os discursos que reforçam e justificam tais práticas; e na cultura, por outro lado, temos uma arena na qual a linha que separa ambas as categorias pode ser borrada. Tomemos como exemplo o já

⁵ “unforgiving materialism on the one hand and a sacred vocabulary on the other”

⁶ “constitute an exemplary ‘state of exception’ of species sovereignty”

⁷ “power operates with the fewest of obstacles”

mencionado romance *The Plague Dogs* (1972, ADAMS), no qual dois cães escapam de um laboratório. Seu autor, Richard Adams, imbui seus protagonistas com a capacidade de fala humana, e assim expressam em linguagem humana as dores e os traumas aos quais foram submetidos, deixando claro que não são objetos.

Com essa distinção, temos o conceito de vivente para tratar de uma concepção de vida mais generosa, que vai além da redução arbitrária ao humano e que se abre à pluralidade de possibilidades de vida que, até então, foram alocadas na categoria “animal”. Como coloca Giorgi (2016, p. 41), é uma abertura “para a heterogeneidade do vivente, para um *bios* que não é nunca inteiramente redutível ao humano”. É importante notar que Derrida (2002) já havia denunciado com bastante afinco o processo redutor da palavra “animal”. O vivente, por sua vez, seria uma alternativa cuja essência é o desimpedimento à pluralidade. Não seria impensável, portanto, considerar que o conceito de vivente também abre caminho para uma ética que se intersecciona com a da criatura, visto que ambas acarretam concepções mais generosas de vida e atacam definições excludentes desta.⁸

2.3. A taxonomia da vulnerabilidade

Em nosso percurso, entendemos que a vulnerabilidade pode ser vista como o elemento comum entre todos os diferentes animais, humanos ou não, e que essa concepção generosa de vida implica até mesmo na rejeição da palavra “animal” em favor do termo “vivente”, visto que a primeira é essencialmente redutora e potencialmente prejudicial àqueles que nela são alocados. Vimos também que é na cultura — e como pretendemos mostrar neste estudo, na literatura — onde o questionamento do biopoder toma forma. Sendo assim, é importante que nos detenhamos na palavra “vulnerabilidade” em um exame profundo, a fim de evitar concepções rasas e oriundas do senso comum.

Por que a vulnerabilidade é tão importante para se pensar nos animais? Pick (2011, p. 15) justifica sua escolha pela palavra como elemento central em seu pensamento afirmando que ela aponta a falta de poder a que os animais são submetidos em nosso mundo e que é experimentado na carne, isto é, no corpo. Neste sentido, a vulnerabilidade é um caminho para se pensar no sofrimento experimentado pelos animais e, assim sendo, é necessário pensar nas causas e nos contextos em que ele surge. Assim, faremos um exame da vulnerabilidade a partir da teoria desenvolvida por Mackenzie, Rogers e Dodds

⁸ Todavia, utilizaremos a palavra “animal” neste texto para manter a fluidez da leitura.

(2014) para se pensar em relações entre humanos, mas que, devido a sua robustez, estendemos aqui para se pensar o vivente.

Mackenzie, Rogers e Dodds (2014, p. 4, 6, nossa tradução) explicam que há duas concepções comuns de vulnerabilidade: a primeira trata do fato de que todo indivíduo está exposto e sujeito a danos e tormentos; a segunda, de natureza social, foca como certos grupos estão mais sujeitos a prejuízos causados por outros grupos. Isto posto, as autoras (2014, p. 7) conjugam as duas concepções em uma taxonomia baseada em “fontes”⁹ e “estados”¹⁰ e, dessa forma, torna-se possível identificar a inescapável vulnerabilidade da condição de se existir, identificar outras formas de vulnerabilidade em situações específicas e, principalmente, encontrar os responsáveis por causá-las bem como propor possíveis soluções. A partir dessa taxonomia, propomos o esquema abaixo.

Tabela 1. Taxonomia da vulnerabilidade.

Fontes

| Inerente ¹¹ | Situacional ¹² | Patogênica ¹³ |
|---|--|---|
| Necessidades físicas, sociais e emocionais. Por exemplo, sem alimentação, o indivíduo fica vulnerável à fome. | Necessidades que são frutos de certos contextos. Por exemplo, a falta de acesso à água potável torna indivíduos vulneráveis à sede e às doenças. | Necessidade que resulta de condutas autoritárias e condenáveis de indivíduos e instituições contra outros indivíduos e grupos que, na verdade, estão sob suas responsabilidades. Por exemplo, o abuso de idosos por parte de seus cuidadores. |

Estados

| Disposicional ¹⁴ | Ocorrente ¹⁵ |
|---|---|
| Trata de danos que podem vir a surgir devido à vulnerabilidade, ou seja, danos potenciais, mas que para se concretizarem dependem de diversos fatores. Mackenzie, Rogers e Dodds (2014, p.8) exemplificam esse estado ao explicar que toda mulher capaz de engravidar está sujeita a uma série de riscos na hora de dar à luz, porém a concretude desses riscos depende de fatores que incluem sua saúde física, acompanhamento médico, entre outros. | São os riscos disposicionais que se tornam concretos. Seguindo o exemplo visto na categoria “disposicional”, podemos pensar no caso de uma mulher que ao dar à luz em condições precárias contrai uma bactéria. |

Fonte: baseado em Mackenzie, Rogers e Dodds (2014, p. 7-9).

Nota-se, a partir da taxonomia, que “toda vulnerabilidade é experimentada no corpo, seja sua fonte inerente ou situacional”¹⁶ (MACKENZIE; ROGERS; DODDS,

⁹ “sources”

¹⁰ ”states”

¹¹ inherent

¹² situational

¹³ pathogenic

¹⁴ dispositional

¹⁵ ocurrent

¹⁶ “all vulnerability is experienced in the body, whether its source is inherent or situational”

2014, p. 8, nossa tradução). Dessa forma, se a vulnerabilidade está ligada à materialidade, ou seja, à corporeidade, ela também se alinha à ética da criatura e nos permite visualizar como o biopoder opera sobre os viventes.

A vulnerabilidade implica reconhecer que todos os seres, incluindo nós, os humanos, têm em comum a capacidade de experimentar o sofrimento, seja ele intrínseco ou não, temporário ou não, com os outros animais. A ética da criatura, por sua vez, nos chama a atenção para esse elemento em comum e demanda de nós uma atitude empática e responsável frente ao sofrimento alheio. Reconhecer o sofrimento e, principalmente, agir em relação a ele possivelmente nos colocará contra nossos privilégios, e não é com surpresa que, muitas vezes, ignoraremos e negaremos tal cenário. Em outras palavras, estamos falando do desejo de se tornar invulnerável, o qual se manifesta na forma de uma suposta independência e desconexão do mundo e dos outros seres. Como argumenta Gilson (2011, p. 312, nossa tradução) em outra conjuntura, o sujeito invulnerável possui um “certo tipo de subjetividade privilegiada no sistema socioeconômico capitalista”¹⁷ e pode ser descrito como um “mestre, invulnerável, prototípico, arrogantemente autossuficiente e independente”¹⁸. Se se reconhecer vulnerável é se abrir para a empatia e a responsabilidade, a busca pela invulnerabilidade é a negação do sofrimento e da responsabilidade sobre ele, e isto pode acontecer tanto pelo desejo de evitar o próprio sofrimento quanto pela manutenção de privilégios que dependem da vulnerabilidade de terceiros, ainda que sejam imorais e antiéticos, como aqueles oriundos de fontes patogênicas. Em vista disso, cabe notar que a ignorância tem um papel relevante: conforme argumenta Zirbel (2016, p. 144-145), não se trata de leviandade ou desleixo, mas de um recurso que mantém a opressão de terceiros. A zooliteratura, por sua vez, tende a expor essa ignorância aos leitores, como é o caso de *Fifteen Dogs*, no qual os protagonistas sofrem nas mãos de seres humanos e tal denúncia ganha força na medida em que o leitor tem acesso aos pensamentos dos cães, os quais que se tornam compreensíveis, pois surgem em linguagem humana.

3. O caso dos quinze cães

3.1. Uma leitura da vulnerabilidade

¹⁷ “a certain kind of subjectivity privileged in capitalist socioeconomic systems”

¹⁸ “prototypical, arrogantly self-sufficient, independent, invulnerable master subject”

Quando comparado com outros textos literários protagonizados por cães (e animais em geral, na verdade), *Fifteen Dogs* se destaca pelo fato de que há uma explicação, ainda que fantástica, para a adoção da fala humana. Enquanto nos já mencionados romances de Jack London e Richard Adams os animais são, de forma ampla, dotados da capacidade de falar sem uma explicação, no romance de Alexis a fala (e o pensamento humano, por assim dizer) é presente dos deuses gregos. Tal cenário possibilita a comunicação oral interespecies, isto é, a comunicação entre cães e humanos. Dito isto, cabe notar que o cão não é recorrente na literatura sem motivo, tal animal ocupa posição de destaque na vida e no imaginário da humanidade e sua presença na literatura pode enfatizar questões problemáticas nessa posição. Ou seja, ao privilegiar animais que costumam receber tanta simpatia dos humanos, tais textos também parecem mais enfáticos em suas críticas das relações de poder. É nessa esteira de pensamento que afirmamos que o papel do cão se torna importante, em outras palavras, se tais romances fossem protagonizados por animais diferentes — bois, jacarés ou rinocerontes —, a história também seria outra. O animal é importante dentro do texto literário.

Como nota McHugh (2004, p. 16, 29), o cão se tornou presente nas comunidades humanas quando estas abandonaram o estilo de vida caçador-coletor em favor de um fixo, e essa união pode ser pensada como mutuamente benéfica, porque cães ajudavam nas atividades de caça, enquanto eram contemplados pela segurança oferecida pelos humanos. Cabe notar, no entanto, que muitas vezes os cães também têm destinos que nem sempre vão de encontro à imagem de melhor amigo do homem ao operarem como bestas de carga, seguranças e fonte de carne (MCHUGH, 2004, p. 31). Sax (2001, p. 86) sugere que sentimentos mistos e opostos permeiam as relações entre os humanos e os cães, visto que estes muitas vezes são amados, odiados, idolatrados e ignorados. Não é necessário ir longe: comparemos os *pets* que desfrutam de todo um mercado de opções com os cães de rua que vivem de forma precária e à margem da sociedade, ainda que literalmente nos centros urbanos. Portanto, ocupemo-nos dos cães de *Fifteen Dogs*.

Em nossa análise, focaremos três pontos do romance, sendo eles: a) a relação entre humanos e cães; b) a relação entre os cães; e c) um momento de violência. Em todos os pontos, faremos conexões entre o texto literário e as teorias da vulnerabilidade e a ética da criatura.

A relação mais profunda entre humanos e cães é a desenvolvida por Majnoun, um *poodle* preto, e Nira, uma jovem, sem filhos, que vive com seu companheiro, Miguel. Majnoun, conforme veremos adiante, sofreu uma tentativa de assassinato por parte dos

outros cães e acabou sendo resgatado pelo casal, que o nomeia como Lord Jim. A longa recuperação de Majnoun permite ao leitor ter uma visão interessante e criativa da humanidade pelos olhos (e o nariz) de um cão. Por exemplo, Majnoun gosta do odor exalado pelo casal durante o sexo, que gera um efeito calmante nele (ALEXIS, 2015, p. 44), e percebe que na comunicação humana “[O] tom parecia importar mais que as palavras”¹⁹ (ALEXIS, 2015, p. 44, nossa tradução). Como parte do presente dos deuses, Majnoun entende a conversa entre humanos, mas em um primeiro momento não consegue pronunciá-las. Com o tempo, ele desenvolve a habilidade e, após o choque inicial, Nira não apenas aceita que Lord Jim pode falar, mas passa a confessar a ele seus pensamentos mais íntimos e profundos (ALEXIS, 2015, p. 48). A forte afetividade sentida pelos dois não causaria estranheza a qualquer um que já teve a companhia de um cão, exceto, é claro, pelo fato de que o cão é capaz de conversar em linguagem humana.

Em termos de vulnerabilidade, Nira se esforça para prover as necessidades inerentes e situacionais de Majnoun: ela o alimenta, hidrata, provê um ambiente seguro e confortável, além disso, cabe lembrar que ela e Miguel conhecem Majnoun ao retirá-lo quase morto das ruas e tratarem dos seus ferimentos quase fatais. Nira, especialmente, encarna a noção da ética da criatura, em que o material, isto é, o corpo, se torna o elemento unificador da existência. Nesse sentido, as relações de poder entre ela e Majnoun — típicas entre humanos e cães — são bagunçadas: seja por bom senso ou por lei, a maioria das pessoas passeia com cães presos em coleiras, porém Nira se sente “desconfortável com poder”²⁰ e chega até mesmo a perguntar se ele colocaria uma coleira nela caso estivesse no lugar dela, e vice-versa, e a resposta negativa fez com que ela se “sentisse ainda mais desconfortável”²¹ (ALEXIS, 2015, p. 52, nossa tradução). Na verdade, Majnoun não entendeu a questão feita por Nira, pois para ele se tratava de algo literal, isto é, ela andaria de quatro e ele a guiaria com o cordão da coleira na boca (ALEXIS, 2015, p. 52). Majnoun, de fato, não se importa com a coleira e a usaria sem problemas, bem como guiaria Nira em uma, caso se tratasse de uma relação típica hierárquica (ALEXIS, 2015, p. 51-52). Com relação a este ponto, a narrativa repete uma das características mais fortes associadas ao cão, que é a sua submissão ao humano, por outro lado, há todo um esforço de Nira em apagar o seu domínio sobre Majnoun, implicando assim reduzir aquilo que ela reconhece como uma fonte de sofrimento para o cão e cuja

¹⁹ “The tone seemed to matter to more than the words”

²⁰ “uncomfortable with power”

²¹ “feel even more uncomfortable”

causa poderia ser ela mesma. Assim, nos termos das teorias abordadas anteriormente, Nira busca efetivamente dar fim a uma vulnerabilidade disposicional e patológica; ação que reflete o seu desejo em conceber a vida de Majnoun de forma mais generosa. Tal desejo se manifesta também quando Majnoun expressa que é altamente seletivo em relação aos carinhos de estranhos, e Nira, apesar de ser incapaz de entender os critérios do cão, deixa que ele decida quem poderá ou não acariciá-lo (ALEXIS, 2015, p. 52-54).

A relação de Nira e Majnoun também abre espaço para reflexões sobre as diferentes percepções de uma espécie sobre a outra. Após cinco anos de convivência, Nira vê o cão como seu “amigo mais próximo”²² (ALEXIS, 2015, p. 119, nossa tradução). A crescente intimidade entre os dois faz com que a personagem veja o cão além da característica redução da palavra “animal”, ela o vê como um vivente. Todavia, essa mudança de acepção pela parte de Nira não ocorre sem problemas, e alguns deles são cômicos, como quando ela implora para que ele parasse de comer fezes de outros cães, pois isto a deixava “doente”²³ (ALEXIS, 2015, p. 120, nossa tradução). Mas por mais que ele se restringisse, era “como pedir a uma criança que não coma nenhum dos bolos deixados em uma confeitaria”²⁴ (ALEXIS, 2015, p. 120, nossa tradução); assim, era uma questão constante entre os dois. Podemos considerar que, apesar do tom pitoresco, essa disputa implica também uma violência por parte Nira, pois ela deseja aplicar a sua visão ideal do que um cão deveria ser. O narrador nos lembra de que “Majnoun era um cão, um cão sensível e inteligente, mas um cão mesmo assim”²⁵ (ALEXIS, 2015, p. 120, nossa tradução) e de que Nira considerava que as ações que ela condenava eram manifestações da natureza dele. Neste sentido, o narrador explica que “[A] linha entre o natural (as coisas que Majnoun não poderia deixar de fazer) e o cultural (as coisas que ele poderia) não era nem clara, nem fixa”²⁶ (ALEXIS, 2015, p. 120, nossa tradução) e que dessa dificuldade surgia uma série de problemas, um deles o incômodo profundo de Nira: os cães se reunirem em grupos para cruzar com cadelas no cio. Para Majnoun, isso não fazia sentido, pois “as próprias cadelas desejavam isso também”²⁷ (ALEXIS, 2015, p. 120, nossa tradução), e Nira, por sua vez, ainda que pudesse imaginar a necessidade de satisfação

²² “closest friend”

²³ “ill”

²⁴ “like asking a child not to eat any of the cakes left out a patisserie”

²⁵ “Majnoun was a dog, a sensitive and intelligent, but a dog just the same”

²⁶ “The line between natural (the things Majnoun couldn’t help doing) and cultural (the things he could) was neither clear nor fixed”

²⁷ “the bitches themselves wished it”

das cadelas, acreditava que poderia educar Majnoun, que educaria outros e, assim, poderia “melhorar a vida de cães fêmeas”²⁸ (ALEXIS, 2015, p. 120, nossa tradução).

Mais adiante, um conflito sério surge do fato que Nira é vista como igual por Majnoun, que enxerga que tanto ela quanto ele mesmo são subservientes a Miguel, o companheiro de Nira. Enquanto brincar com Miguel reforça a hierarquia, pois Majnoun disputava com ele, brincar com Nira sugere que ela estava se colocando no lugar de Miguel, e isto era um desrespeito para Majnoun (ALEXIS, 2015, p.120-123); conforme o problema se intensifica, o cão decide até mesmo sair da família, mas é convencido pelos deuses a retornar (ALEXIS, 2015, p. 123). Em uma análise mais profunda, é interessante notar que a própria fantasia narrativa cria uma arena para o questionamento da imagem cultural do cão, pois Nira projeta em Majnoun a concepção que ela tem de um cão que foi humanizado, isto é, um cão que seria incapaz de agir de forma bestial. A entrada de Majnoun no mundo cultural dos humanos deveria implicar também um comportamento civilizado. Por outro lado, o fato de o cão ser capaz de se comunicar com ela e pensar nessas questões também expõe esse problemático desejo humano de transformar animais. Isto posto, cabe notar que, ainda que Nira não exponha essa visão claramente, é possível entender nas entrelinhas que certos comportamentos reprováveis na nossa sociedade são relegados a uma suposta natureza animal e que os humanos que assim se comportam estão próximos dessa natureza, e não da natureza humana. Em suma, relegar o inaceitável aos animais é também uma forma de reduzi-los a *zoé*, visto que o inaceitável é também passível de punição. Os sentimentos mistos surgidos da relação de Nira e Majnoun apontam a abertura para a diversidade do vivente, em outras palavras, para a aceitação de que a palavra “animal” não dá conta dos seres que nela foram contidos; e essa abertura leva a uma série de questionamentos, como: até que ponto, comportamentos animais são humanos também? Até que ponto a projeção antropomórfica sobre a vida dos animais deve ser permitida? Como definir esse ponto? É esse tipo de questionamento que entra em jogo também quando o ser humano está disposto a abandonar a sua suposta superioridade sobre a vida animal.

Nas relações entre os cães podemos observar a vulnerabilidade de outra forma. Entre os que receberam o dom da fala, alguns se agrupam em torno da liderança de Atticus, um mastim napolitano de natureza enérgica e dominante. Para Atticus, receber o dom da inteligência humana foi “intolerável”²⁹ e, em suas palavras, “[E]la nos afasta de

²⁸ “improve the life of female dogs”

²⁹ “intolerable”

sermos cães e nos afasta de fazer o que é certo”³⁰, e, portanto, “[N]ós devemos aprender a ser cães novamente”³¹ (ALEXIS, 2015, p. 32, nossa tradução). Essa atitude se traduz em duas regras impostas pelo poderoso cão: não deve haver “[N]enhuma linguagem, exceto a linguagem própria dos cães”³² e “nenhum modo além dos modos caninos. Nós iremos viver como deveríamos”³³ (ALEXIS, 2015, p. 33, nossa tradução). Ambas as regras se manifestam no extermínio ou exílio dos cães que insistem em se comunicar pela linguagem humana.

Em um artigo publicado em 2019, Chewter discorre sobre a questão da violência dentro da obra. Seu argumento principal é o de que Atticus e os outros cães, agora dotados com a inteligência humana, também são capazes de agir violentamente, possuindo “uma capacidade recém-descoberta para crueldade premeditada”³⁴ (CHEWTER, 2019, p. 67, nossa tradução). Nessa perspectiva, é necessário discernir agressão de violência; a primeira descreve atos e comportamentos necessários que asseguram a sobrevivência, e a segunda, atos desproporcionais de agressão. Citando um artigo da Unesco, Chewter afirma que “apenas a espécie humana é capaz se destruir, precisamente devido à perda da capacidade de autorregulação”³⁵ (DOMENACH, 1981, p. 30 *apud* CHEWTER, 2019, p. 67, nossa tradução). Conseqüentemente, os cães perdem a capacidade de autorregulação e passam a cada vez mais depender da “violência para reconciliar tensões oriundas da identidade e do pertencimento”³⁶ (CHEWTER, 2019, p. 67).

O autor cria um neologismo para se referir à violência sistemática promovida por Atticus e seus aliados em seus desejos de impor uma natureza puramente canina: *dogism*, que em português pode ser traduzido como cãozismo. O cãozismo, explica Chewter (2019, p. 68), preza pela busca de uma natureza canina idealizada, e tal projeto inclui a exclusão e a morte daqueles que não a seguem. Todavia, os assassinatos premeditados e movidos por uma ideologia não parecem ser parte dessa natureza canina idealizada por Atticus, e isso lhe causa vergonha (ALEXIS, 2015, p. 94). De fato, tais atos parecem muito mais produtos da própria natureza humana injetada nos cães, e os assassinatos, ainda que gerem algum alívio momentâneo para essa contradição, “apenas servem para

³⁰ “It keeps us from being dogs and it keeps us from what is right”

³¹ “We must learn to be dogs again”

³² “No language but proper dog language”

³³ “no ways but dogs ways. We will live like we were meant to”

³⁴ “a new-found capacity for calculated cruelty”

³⁵ “only the human race is capable of destroying itself, precisely because it has lost its capacity for self-regulation”

³⁶ “violence to reconcile tensions of identity and belonging”

afastar ainda mais a matilha da natureza canina”³⁷ (CHEWTER, 2019, p. 69). Sendo assim, o cãozismo aponta como aqueles com poder podem se voltar contra aqueles que poderiam proteger. Retomando a taxonomia das vulnerabilidades, podemos entender que Atticus, por ser fisicamente o cão mais forte do grupo, impõe suas ideias e vontades sobre os outros. Em um primeiro momento, os cães se organizam como uma matilha e tentam lidar com a nova linguagem e com a realidade nas ruas, porém as atitudes individuais de cada um dos cães acabam criando rixas internas, de um lado, Atticus, e do outro, Majnoun, “aquele que havia abraçado a nova maneira de pensar, a nova maneira de ser”³⁸ (ALEXIS, 2015, p. 39, tradução nossa); assim, divididos em dois grupos, o de Atticus acaba matando ou expulsando aqueles que se alinham com o pensamento de Majnoun. Atticus, portanto, explora o fato de que é o mais forte e influente dos cães para impor seu projeto e eliminar aqueles que anteriormente faziam parte do mesmo grupo e que tinham ideias diferentes, isto é, trata-se de uma violência de origem patogênica, cujas consequências, devemos lembrar, são bem materiais, ou seja, a destruição física que diverge do pensamento dominante.

Para além da violência entre os cães, há também momentos de violência causada por humanos aos cães. Como dissemos anteriormente, para Pick, os animais vivem em um “estado de exceção”, no sentido de que seus direitos são inexistentes ou ignorados. Muito da teoria crítica alinhada aos estudos críticos animais aponta que esse estado está ligado diretamente ao conceito de antropocentrismo, que, como explica Horta (2010, p. 264, tradução nossa), é “o tratamento ou consideração desvantajosa daqueles que não são membros da espécie humana”³⁹, e essa atitude implica em ações que prejudicam ou ignoram os interesses de animais não humanos.

No romance temos alguns exemplos: uma cadela que vivia com dores constantes, Agatha, e que fora deixada na clínica para ser eutanasiada, é estapeada por um dos funcionários da clínica pouco antes da morte, porque estavam irritados pela fuga dos cães (ALEXIS, 2015, p.17-18); em outro momento, duas cadelas, Bella e Athena, são apedrejadas por meninos e “[O] infortúnio e dor de Athena geraram um entretenimento ainda maior nos humanos”⁴⁰ (ALEXIS, 2015, p. 25). No primeiro caso, fica claro que o funcionário da clínica veterinária tinha a obrigação de cuidar melhor de Agatha, visto que

³⁷ “only serve to further alienate the pack from the canine”

³⁸ “one who embraced the new of thinking, the new language”

³⁹ “the disadvantageous treatment or consideration of those who are not members of the human species”

⁴⁰ “Athena’s misfortune and pain provoked even greater amusement in the humans”

ele possuía o poder sobre ela, e o abuso, portanto, se torna um exemplo da vulnerabilidade patogênica; mas e o segundo caso, no qual garotos atacam Bella e Athena? Em um primeiro momento, parece-nos que eles não tinham nenhuma obrigação com relação a elas, no sentido de que o funcionário da clínica possuía, porém, se lembrarmos que a adoção da ética da criatura enfatiza a necessidade de um respeito baseado no fato que todos são capazes de sofrer, todos tinham uma responsabilidade sobre o sofrimento que causaram e poderiam evitá-lo; as cadelas estavam vulneráveis, e os meninos, tendo a chance de não causar dor, optaram por apedrejá-las. Tais atos também são claramente atitudes antropocêntricas, pois ignoram as necessidades dos animais — evitar sofrimento — e favorecem interesses humanos, ainda que funestos. Dessa forma, há um caso ainda mais interessante, porém sutil dentro do texto.

Entre os quinze cães, temos Benjy, um *beagle* bastante perspicaz, mas pouco imponente, que ocupava uma posição muito baixa dentro da matilha de Atticus. Ao contar a Majnoun como conseguiu escapar deles com vida, Benjy fala de um “jardim da morte”⁴¹ (ALEXIS, 2015, p. 76, nossa tradução). Tais jardins são “locais — literalmente jardins, às vezes — nos quais humanos deixam veneno para os animais comerem”⁴² (ALEXIS, 2015, p. 76, nossa tradução) e são temidos pelos cães, pois são difíceis de identificar, uma vez que aqueles que cruzam por um tendem a morrer longe, “assim, seus cadáveres não servem como aviso para outros”⁴³ (ALEXIS, 2015, p. 76). Em suma, os jardins são locais cujos proprietários desejam, por diversas razões, que os animais mantenham distância, como é o caso de um jardim ornamental ou uma horta. Benjy, em seu passado, tivera a chance de ver dois jardins da morte, conhecia o destino daqueles que comiam os alimentos ali enterrados e o cheiro de “ferrugem e álcool isopropílico”⁴⁴ exalado pelos animais (ALEXIS, 2015, p. 78, nossa tradução). Ciente de que não poderia se afastar de Atticus e dos outros sem ser morto, Benjy os leva a um jardim da morte e os convence a comer. Nas próximas horas, os cães “começam a sangrar pelos focinhos”⁴⁵ (ALEXIS, 2015, p. 78), passam a noite agonizando e morrem no dia seguinte (ALEXIS, 2015, p. 79). O foco da narrativa é o engenhoso plano de Benjy para vencer cães que ele jamais teria uma chance em combate direto, todavia, para a nossa análise, o jardim da morte é mais relevante. Tendo em consideração a taxonomia da vulnerabilidade, observamos como o

⁴¹ “garden of death”

⁴² “places – sometimes literally gardens – where humans leave poison for animals to eat”

⁴³ “so, their dead bodies do not serve as warnings to others”

⁴⁴ “rust and rubbing alcohol”

⁴⁵ “began to bleed from their muzzles”

jardim aproveita-se de vulnerabilidades de origem inerente e situacional para impor o interesse dos proprietários sobre os animais, em outros termos, os cães (e outros animais que vivem em ambiente urbano) sem o cuidado necessário de um humano, constantemente, enfrentam a fome e se alimentam de qualquer coisa que encontrem; logo, os jardins, ao oferecerem alimentos envenenados, exploram essas fontes de vulnerabilidade para eliminar animais indesejáveis. Indo mais além, é necessário pensar em quais são as circunstâncias que levaram esses animais para estados vulneráveis, ou seja, quem são os responsáveis por animais domésticos abandonados à própria sorte nas ruas das cidades? E quem são os responsáveis por animais selvagens deslocados para os mesmos centros urbanos? Quais são os mecanismos que permitem envenenar os animais sem que haja nenhum tipo de responsabilização concreta? Tais questões apontam para a complexidade da relação entre humanos e animais e mostram que nem mesmo o cão — o melhor amigo do homem — escapa do estado de exceção apontado por Pick.

Ainda que o romance não teça uma crítica aos jardins da morte e, na verdade, os coloque quase em uma posição marginal no texto, buscamos em nossa análise colocá-los em evidência como forte exemplo de como o antropocentrismo e a taxonomia da vulnerabilidade explicam os complexos mecanismos que viabilizam e ocultam o sofrimento dos animais.

Assim, esperamos ter desvelado de maneira satisfatória os temas da vulnerabilidade dentro do romance *Fifteen Dogs*, sem perder de vista a animalidade dos protagonistas. De forma mais ampla, almejamos contribuir também para os estudos literários que envolvem a animalidade ao fornecer um exemplo de leitura por esse viés, bem como um arcabouço teórico robusto.

Referências

ADAMS, Richard. *The Plague Dogs*. London: Allen Lane, 1977.

ALEXIS, André. *Fifteen Dogs: An Apologue*. Toronto: Coach House Books, 2015.

BALDICK, Chris. *The Concise Dictionary of Literary Terms*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CHEWTER, Erin. “Dogism”: Fascism and the Philosophy of Violence in André Alexis’s *Fifteen Dogs*. *The Albatross*, Victoria, Canada, v. 9, p. 66-75, 5 abr. 2019.

DERRIDA, Jacques. *O Animal que Logo Sou/A Seguir*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

GIORGI, Gabriel. *Formas Comuns: animalidade, literatura, biopolítica*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. (Entrecríticas).

GILSON, Erinn. Vulnerability, Ignorance, and Oppression. *Hypatia*, [s. l.], v. 26, ed. 2, p. 308-332, 2011.

HORTA, Oscar. What is Speciesism? *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, [s. l.], v. 23, p. 243-266, 2010.

PENGUIN RANDOM HOUSE. André Alexis. In: *Authors & Events*. Inglaterra, [200-]. Disponível em: <www.penguinrandomhouse.com/authors/340/andre-alexis/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

LONDON, Jack. *O Chamado Selvagem*. Tradução de Luis Antonio Aguiar e Ernani Aguiar. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

LONDON, Jack. *Caninos Brancos*. Tradução de Sonia Moreira. Brasil: Penguin-Companhia, 2014.

MACIEL, Maria Esther (Org). *Pensar/Escrever o Animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e Animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Instante, 2023.

MCHUGH, Susan. *Dog*. London: Reaktion Books Ltd, 2004. (Animal series).

PICK, Anat. *Creaturely Poetics: Animality and Vulnerability in Literature and Film*. New York: University Press, 2011.

SARAIVA, Jefferson. *De Coelhos, Cães e Cavalos: agência e animalidade na obra de Richard Adams*. Orientadora: Ângela Lamas Rodrigues. 2022. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

SAX, Boria. *The Mythical Zoo: an Encyclopedia of Animals in World Myth, Legend, and Literature*. California: ABC-CLIO, Inc., 2001.

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ZIRBEL, Ilze. *Uma Teoria Político-Feminista do Cuidado*. Orientador: Darlei Dall'Agnol — Florianópolis, SC, 2016. 260 p. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.